

O UNO EM PLOTINO: CONTRIBUIÇÃO PARA UM NOVO *ETHOS* FRENTE À EMERGÊNCIA ECOLÓGICA

THE ONE IN PLOTINUS: CONTRIBUTION TO A NEW ETHOS REGARDING ECOLOGICAL EMERGENCIES

UNO EN PLOTINO: APORTES PARA UN NUEVO ETHOS FRENTE A LA EMERGENCIA ECOLÓGICA

Guilherme Carpes Motta¹

Resumo

Frente à emergência ambiental que atravessa a humanidade em meio ao século XXI, tornam-se cada vez mais urgentes ações pautadas em reflexões profundas, para produzir uma mudança radical de perspectiva na relação entre o ser humano e o ecossistema. Diante de tal cenário, faz-se necessário pensar em como, não apenas a filosofia, mas todas as áreas do conhecimento podem contribuir para tais emergências. Isso nos leva ao presente trabalho, onde se apresenta uma análise sobre o *ethos* moderno — que herdamos — quanto à relação entre ser humano-natureza, bem como suas possíveis consequências para o estado de urgência da questão ecológica. Busca-se, por fim, um retorno à metafísica de Plotino, principalmente ao seu conceito de Uno, para refletir sobre como esse conceito pode nos servir de auxílio na construção de um novo *ethos* ecológico e, com isso, utilizar a filosofia como contribuição interdisciplinar na formulação de possíveis caminhos nessa direção.

Palavras-chave: metafísica; Plotino; Uno; ecologia; crise ambiental.

Abstract

Considering the environmental emergency that affects humanity during the 21st century, actions based on deep reflections become increasingly urgent, to produce a radical change of perspective in the relationship between the human being and the ecosystem. Given this scenario, it is necessary to think about how philosophy and all areas of knowledge can contribute to such emergencies. This scenario leads us to this work, which presents an analysis of the modern ethos — which we inherit — regarding the relationship between human-nature, as well as its possible consequences for the state of the urgency of the ecological issue. Finally, we seek a return to Plotinus' metaphysics, especially to his concept of the One, to reflect on how this concept can help us build a new ecological ethos and, thus, use philosophy as an interdisciplinary contribution in the formulation of possible paths in this direction.

Keywords: metaphysics; Plotinus; the one; ecology; environmental crisis.

Resumen

Frente a la emergencia ambiental que atraviesa la humanidad en pleno siglo XXI, se vuelven cada vez más urgentes acciones basadas en reflexiones profundas, para producir un cambio radical de perspectiva en la relación entre el ser humano y el ecosistema. En ese escenario, se hace necesario pensar en formas como, no solo la filosofía, sino todas las áreas del conocimiento pueden contribuir con tales emergencias. Ello nos lleva al presente trabajo, en el que se presenta un análisis sobre el *ethos* moderno — el cual heredamos — concerniente a la relación entre ser humano-naturaleza, así como sus posibles consecuencias para el estado de urgencia de la cuestión ecológica. Se busca, en última instancia, un retorno a la metafísica de Plotino, principalmente a su concepto de Uno, para reflexionar sobre como ese concepto puede servirnos de apoyo en la construcción de un nuevo *ethos* ecológico y, con eso, utilizar la filosofía como contribución interdisciplinaria a la formulación de posibles caminos en esa dirección.

¹ Licenciado em Filosofia pela UNINTER, bacharelado em filosofia pela UFSM, pedagogo formado pela URI – Santiago, especialista em Psicopedagogia clínica e institucional pela UNINTER e Pós-graduando em Alfabetização e letramento pela UNINTER. Atualmente professor de filosofia e alfabetização no Gênius Cursos Preparatórios em Santa Maria – Rio Grande do Sul.

Palabras-clave: metafísica; Plotino; Uno; ecología; crisis ambiental.

1 Introdução

Um ponto importante a ser elucidado ao iniciar o presente trabalho é a sua intencionalidade; é preciso deixar evidente que não se pretende com este artigo criar uma solução simples para uma problemática difícil, muito menos apresentar uma visão rasa de um problema profundamente complexo; tal ressalva se faz importante no sentido de que não se busca aqui apontar uma espécie de solução mágica e idealizada de um problema, ignorando completamente os vários aspectos nele envolvidos.

Podemos convencionar que a problemática ambiental não é apenas uma questão de consciência ou espírito (compreendendo aqui a forma de pensar diante do mundo), ou seja, não se trata apenas de uma questão metafísica e, muito menos, de algo passível de ser solucionado apenas com a modificação da forma de pensar sobre o mundo, em seu conjunto de costumes e hábitos (*ethos*). Ela envolve também a questão material, social, econômica, religiosa, cultural, científica — e isso para resumir o problema em alguns de seus aspectos principais.

Ciente de tais observações, o leitor irá perceber, ao seguir a leitura, uma tentativa de conciliar uma área e assunto específicos da filosofia (a metafísica de Plotino e seu conceito de Uno), com a problemática ecológica que atravessamos hoje, início do século XXI. Isso para trazer uma contribuição ao assunto a partir da filosofia, entendendo que o conhecimento humano se configura na união interdisciplinar de diversas áreas do saber, que procuram respostas diversas para problemas complexos, de modo a apresentar vários pontos de vista e, desta forma, construir uma possível práxis (teoria aliada à prática) que consiga se efetivar diante das diversas problemáticas inerentes à existência.

Sendo assim, o trabalho será construído da seguinte forma: inicialmente, apresentar-se-á uma análise sobre a atual situação ecológica do planeta, tratando de deixar clara a urgência de se tratar esta temática. Logo após, tentar-se-á construir uma análise do *ethos* herdado da modernidade sobre a relação do ser humano com a natureza, focando em dois pontos específicos, o científico e racional — partindo da visão de ciência construída por Francis Bacon —, e o econômico, seguindo a análise do sistema capitalista e suas consequências na perspectiva de Marx. Em um terceiro momento, será feita a análise da metafísica do Uno de Plotino, tentando construir um possível *ethos* ecológico assente em sua ideia de que tudo é um. Na conclusão, tentaremos então responder à seguinte questão: “Diante da problemática ambiental, é possível pensar um novo *ethos* ecológico a partir da metafísica do Uno de Plotino?”

2 Metodologia

O artigo fez uso de metodologia qualitativa bibliográfica, onde se buscou, por meio de análise bibliográfica em livros, artigos e periódicos, as justificativas e embasamentos necessários para a realização da pesquisa, junto com a obtenção dos resultados expostos. A respeito dessa metodologia, aponta Gil (2008):

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas (GIL, 2008, p. 44).

Tratou-se, conforme Gil (2008) determina, de realizar leitura exploratória, seletiva, analítica e interpretativa onde, baseado nos conhecimentos prévios e na síntese e fortalecimento deles através das leituras, elaborar o presente artigo, consolidando assim as ideias e formulando a análise dos resultados.

3 Impactos ambientais, meio ambiente e *ethos*

É problemático pensar em meio ambiente sem analisar diretamente os impactos causados pela ação humana. Quanto a essa questão em específico, Mendonça e Dias (2019) nos apontam uma direção para uma análise inicial:

Impactos ambientais dizem respeito, diretamente, aos processos de degradação e transformação do meio ambiente causados pelas atividades humanas.

[...]

As transformações impostas pelas sociedades à natureza são, na maioria dos casos, muito difíceis ou mesmo impossíveis de serem recuperadas. Essa situação torna-se mais intensa quando nos deparamos com tecnologias e novas descobertas científicas que apontam para a aceleração inconstante do desenvolvimento econômico, que ocorre em detrimento dos princípios ecológicos e de justiça social (MENDONÇA; DIAS, 2019, p. 123,124).

Ao nos depararmos com esta declaração, cabe fazer um apontamento antes de seguirmos com alguns resultados inerentes a essa “ação humana” que leva aos chamados impactos ambientais. Faz-se necessário conceituar o que se entende por “meio ambiente”, para que se tornem mais claros os pontos a serem observados no presente trabalho. Com este propósito, novamente destaco Mendonça e Dias (2019), que observam:

O termo meio ambiente evidencia, primeiramente, a ideia de relações entre elementos constituintes de determinada realidade. Ao contrário de natureza, ele não evoca elementos isolados, e sim a combinação e a complexidade de elementos relacionados em dado contexto temporal e espacial (MENDONÇA; DIAS, 2019, p. 23, 24).

Compreendendo o conceito desta maneira, contextualizamos o termo “meio ambiente”, não como a natureza por si mesma, mas a totalidade das relações entre os diversos seres que habitam determinado espaço. Sendo assim, é possível perceber que o ser humano, sendo um destes seres integradores, age e sofre ações oriundas do meio; é, desta forma, influenciado e influenciador, contribuindo para impactos positivos ou negativos de acordo com a sua forma de agir e pensar sobre esse meio. Isso nos leva diretamente a outro conceito, que será de fundamental importância para a proposta aqui desenvolvida: o *ethos*. Pini (2015) aponta sobre o conceito de *ethos* encontrado em Aristóteles:

Para Aristóteles, o *ethos* teria uma dimensão ontológica, visto que emerge da maneira pela qual se tomam decisões e da maneira pela qual se vive e se existe. Essas decisões são esclarecidas por valores próprios tratados pelo autor da Retórica. Acreditamos que o Estagirita examina não o que é dado estritamente na cultura escrita, mas a noção de *ethos* como uma manifestação pública da persona do orador (ARISTÓTELES, Retórica, 1355a25 apud PINI, 2015, p. 1, 2).

Visando a construção de conceitos que estamos realizando aqui, é possível então, dadas as contribuições anteriores, entender que a ação do ser humano para com o meio — entendido como o “meio ambiente” —, se caracteriza por ser parte de seu *ethos*. Sendo assim, cabe agora uma explanação de dados referentes aos impactos ambientais causados pelo *ethos* construído em nosso século no que diz respeito à relação humano/meio ambiente.

4 Emergência ambiental no Século XXI

A emergência ambiental é um assunto que se torna cada vez mais necessário de ser debatido e enfrentado se a humanidade deseja manter a vida no planeta. Dos inúmeros dados que hoje se encontram disponíveis, um deles chama atenção; trata-se do chamado “Dia de Sobrecarga da Terra”. O site do Museu do Amanhã traz pertinentes informações sobre ele:

O conceito Sobrecarga da Terra (*Overshoot Day*, em inglês) foi originalmente desenvolvido pelo instituto independente britânico de pesquisas New Economics Foundation, uma organização parceira da Global Footprint Network. De acordo com os cálculos da Global Footprint Network, nossa demanda por recursos ecológicos renováveis e os serviços que eles fornecem é atualmente equivalente a mais do que 1,5 Terras (O QUE É O DIA..., 2016?).

De acordo com esses dados, o dia de sobrecarga da terra está ocorrendo mais cedo desde 2002, quando passou de outubro para setembro, e, a partir de 2010, de setembro para agosto, conforme mostra tabela (figura 1) encontrada no site do Museu do Amanhã, com dados até 2016, da *Global Footprint Network*. Ainda com base na pesquisa, o site também nos apresenta o gráfico sobre a quantidade de terras necessárias para o padrão de consumo dos países mais desenvolvidos (figura 2).



Figura 1. GLOBAL FOOTPRINT NETWORK, 2016 (O QUE É O DIA..., 2016?)

De quantas Terras precisaríamos se a população global tivesse o mesmo padrão de consumo desses países:



Fonte: Global Footprint Network National Footprint Accounts 2016

Figura 2. GLOBAL FOOTPRINT NETWORK, 2016 (O QUE É O DIA..., 2016?)

Conforme podemos analisar nesses dados, o padrão de consumo dos recursos naturais pelo ser humano no século XXI exige muito mais do que o planeta consegue repor, o que nos leva a uma equação que não fecha. Este é um importante sinal de alerta sobre a necessidade urgente de rever os padrões de ação frente ao meio ambiente; contudo, esses dados não são os únicos, conforme aponta o diretor do *Centre National de la Recherche Scientifique*, Michael Lowy (2020), pois outro fator crucial a ser considerado é o aquecimento global:

A crise ecológica tem vários aspectos, com consequências perigosas, mas a questão climática é sem dúvida a ameaça mais dramática. Como o IPCC nos explica, se a temperatura média subir mais de 1,5° acima do período pré-industrial, é provável que um processo irreversível de mudança climática seja posto em marcha. Quais seriam as consequências? Apenas alguns exemplos: a multiplicação de mega incêndios como o da Austrália; o desaparecimento de rios e a desertificação de terra; o derretimento e desintegração da calota polar e a elevação do nível do mar em até dezenas de metros. Mas, com menos de dois metros de elevação do nível do mar vastas regiões de Bangladesh, Índia e Tailândia, bem como das principais cidades da civilização humana — Hong Kong, Calcutá, Veneza, Amsterdam, Xangai, Londres, Nova Iorque,

Rio de Janeiro — desaparecerão debaixo do mar. Quanto a temperatura subirá? A partir de que temperatura a vida humana neste planeta estará ameaçada? Ninguém tem uma resposta para essas perguntas (LOWY, 2020, n. p.).

Ainda sobre a temperatura da Terra e o aquecimento global, o relatório da ONU, *United in Science 2020*, nos fornece informações preocupantes. Essa notícia foi publicada no dia 10 de setembro de 2020 pelo site ONU Brasil:

Sobre o estado do clima global, o relatório indica que a temperatura média global para 2016-2020 deve ser a mais quente já registrada, cerca de 1,1 grau Celsius acima de 1850-1900 (período de referência para a mudança de temperatura desde os tempos pré-industriais) e 0,24 grau Celsius mais quente do que a temperatura média global para 2011-2015 (TEMPERATURA MÉDIA..., 2020, n. p.).

Outros dados urgentes das Nações Unidas, divulgados no dia 7 de setembro de 2020, quando a ONU marca o primeiro “Dia Internacional do Ar Limpo para um Céu Azul”, dizem respeito à poluição do ar, conforme podemos observar:

Esses são exemplos de uma crise que afeta a todos: a poluição do ar constitui o maior risco ambiental à saúde humana e é uma das principais causas evitáveis de morte e doenças. Todos os anos, 7 milhões de pessoas morrem prematuramente no mundo devido às complicações causadas pela poluição do ar — e outras milhões vivem com consequências desse problema, que afeta também a saúde de outras espécies e do planeta.

“Em todo o mundo, nove em cada dez pessoas respiram ar impuro. O alcance deste desafio requer ação determinada por parte de governos, empresas e comunidades para acabar com a dependência de combustíveis fósseis em favor de energias renováveis, limpas e acessíveis”, disse o secretário-geral da ONU, na sua mensagem sobre o dia. A poluição do ar não só ameaça a saúde das pessoas, mas também tem impactos negativos sobre as plantas e os ecossistemas. A poluição do ozônio sozinha é responsável pela perda de 52 milhões de toneladas de safras a cada ano em todo o mundo (PRIMEIRO DIA..., 2020, n. p.).

Levando em consideração os dados até aqui apontados, bem como a constatação de que eles não refletem de forma alguma a totalidade dos impactos causados pelo ser humano ao meio ambiente, podemos considerar que a problemática é imperativa e, com isso, perceber que uma mudança no *ethos* da humanidade diante da questão ecológica se faz necessária. Isso nos aponta na direção seguinte, onde analisaremos os possíveis caminhos — percorridos na modernidade — que nos levaram ao *ethos* nocivo que construímos enquanto civilização no presente; para tanto, partiremos de duas vertentes, a científica e a econômica.

5 A construção do *ethos* moderno como superação do *ethos* antigo

Para a total compreensão do *ethos* que surgiu na modernidade — dando vez ao sistema econômico capitalista baseado na ideologia liberal e ao modelo de ciência indutiva apoiada em testes e hipóteses —, é preciso antes um breve apontamento sobre o fim do *ethos* antigo, que se produziu no período helenístico e depois pelo cristianismo, conforme aponta Ghiraldelli (2020):

A democracia antiga ela é uma democracia da comunidade, ela é uma democracia de um homem que não conhece a individualidade liberal, portanto, é um homem tão ligado a Pólis, que ele se identifica com a Pólis a ponto de o crime mais terrível ser sempre ou a morte, ou, pior que a morte, o desterro, ser mandado para outro lugar. Então, quando o Grego diz: “eu quero a liberdade!”, ele está falando: “eu quero que a minha cidade seja livre para que ela execute o seu *ethos*, para que ela execute os seus costumes” [...] Quando nós modernos falamos: “eu quero a liberdade”, a gente não está pensando na liberdade do Estado, do país, da nação ou da cidade, nós estamos pensando na nossa liberdade individual, liberdade de consciência, liberdade de expressão, liberdade de ir e vir e parâmetros para que o Estado não tome a propriedade (GHIRALDELLI, 2020, n. p.).

A partir desta colocação, conseguimos vislumbrar a diferença central entre o *ethos* antigo e o moderno, que se traduz especificamente na noção de liberdade e compreensão da realidade. Para o antigo, existia o cidadão, a cidade, a comunidade; para os modernos, existe o indivíduo, a liberdade, a propriedade privada. Saímos da noção de “nós” integrado ao meio e entramos na noção de “eu” separado, com liberdade para agir e modificar o meio. Sobre essa ideia, Ghiraldelli (2020) irá apontar o papel fundamental do cristianismo na construção dessa subjetividade e individualidade:

Tudo é moralizado pelo cristianismo, porque o cristianismo é uma religião da moral e não do *ethos*, o *ethos* é o costume objetivo, a moral são os costumes particulares e subjetivos, tanto é que o grego não tem a palavra moral, ele tem só *ethos*, a moral é uma palavra latina, já é romana [...] esse mundo cristão se exacerba na modernidade com a teoria do liberalismo, o capitalismo e a teoria do romance; nasce o romance, ou seja, o herói que tem dramas de consciência, enquanto que o grego não tem dramas de consciência [...] exatamente com Jesus, na peregrinação pelo retiro do deserto, quando você vê Sócrates falando com seu *daimon*, é uma relação completamente objetiva, o *daimon* aparece para Sócrates para dizer “não!”, não é um drama. Sócrates, sempre que o *daimon* se manifestou, recua; mas o *daimon* que Jesus enfrenta no deserto, e que mais tarde, Santo Agostinho vai transformar no demônio, é uma entidade que não fala objetivamente com Jesus, ele já fala subjetivamente, porque ele entra nos desejos de alma de Jesus, ele não vem pra Jesus para dizer “não faça isso”, ele vem para dizer: “Jesus, não faça isso, mas faça aquilo”.

[...]

Jesus quer seguir o seu próprio caminho, aquilo que ele chamou de destino (GHIRALDELLI, 2020b).

Percebemos então que, a partir de Jesus, um novo *ethos* começa a tomar a forma que se caracteriza como o *ethos* do drama interior, da relação do eu consigo mesmo e da liberdade de escolha, pensando nas possibilidades do futuro. Esse *ethos*, de fundamental importância na

construção do indivíduo moderno liberal, que o capitalismo fomenta baseado na concepção de livre mercado e comércio. Tal empreitada se torna possível, desde o helenismo, muito antes do cristianismo surgir, ainda no império de Alexandre O Grande, quando o grego deixa de ser cidadão da pólis e se torna um cidadão do mundo (cosmopolita), conforme aponta Nauroski:

Com o advento do Império Macedônico, a centralização da administração, a esfera pública, como descrita anteriormente, desaparece. Diante dessa nova configuração social e política, a temática da filosofia se deslocou da vida pública para a vida privada. O mundo passou a ser o horizonte existencial dos indivíduos, num ideal cosmopolita (NAUROSKI, 2017, p. 48).

Os ideais de indivíduo, liberdade, e do ser humano no centro, se aprofundariam com o fim da Idade Média e o início do período que antecede diretamente a Idade Moderna: o Renascimento, conforme destaca Ferreira (2015):

Assim, enquanto podemos caracterizar o período medieval como teocêntrico, percebemos o início de uma nova perspectiva cultural na renascença, uma mudança que desembocará em uma guinada da perspectiva teocêntrica, para a antropocêntrico-naturalista, perspectiva que será a marca do pensamento moderno.

[...]

O mundo natural, que outrora fora *Opus Dei*, doravante torna-se um campo de exploração e descoberta para o indivíduo. O humano, que antes era fruto do pecado, um penitente, um servo de Deus na Terra, passa a ser exaltado e a se tornar objeto de estudo, como um ser “digno e “maravilhoso” (FERREIRA, 2015, p. 30, 40).

Para darmos continuidade a essa construção do *ethos* moderno, é fundamental que, agora, se tenha clara a transição do humano antigo, cidadão da pólis, parte integradora da natureza e naturalmente um ser comunitário, para o ser cristão medieval, criatura de Deus, que possui uma ligação individual e subjetiva com o criador e que vive em pecado. Chega-se, por fim, no ser humano renascentista, como centro de toda a criação, criatura dotada de liberdade e racionalidade, pronta para explorar e subjugar o mundo à sua vontade.

Com base nessa análise, rumamos para a concepção de ciência que se desenvolve já no Renascimento e período moderno, tendo como fonte o pai do método indutivo, Francis Bacon.

6 A nova ciência e o domínio do homem a partir da racionalidade

Com o fim da Idade Média, o Renascimento surge como um movimento artístico, científico, filosófico e cultural que tem como base fundamental o *humanismo* que, segundo Röd (2008, p. 562), “indica uma alteração profunda nos rumos dos interesses no final da Idade Média e no início da Idade Moderna”. Caracteriza-se, então, como um movimento que visa a

valorização do homem frente ao mundo e toda a criação, como podemos observar ainda em Röd (2008, p. 562):

Não vem negada de forma alguma a dependência do homem em relação a Deus; ao contrário, o poder de que o homem se reveste, e que deve ser fortalecido, é considerado como correspondente ao do criador divino, mesmo não sendo absoluto como este, mas necessariamente limitado; todavia, o que se delineia é uma inequívoca mudança de eixo voltada para a valorização do homem, visível também nas artes plásticas e na poesia daquela época” (RÖD, 2008, p. 562).

Tendo em vista tal apontamento, compreende-se que, a partir do Renascimento, o ser humano passa a ser considerado não mais uma parte da criação, mas o seu centro, enquanto criatura superior, dotada de racionalidade para a compreensão do mundo. Nesse sentido, toda uma nova filosofia e uma nova ciência começa a surgir, não mais voltada a especulações metafísicas e teológicas, mas a experimentos empíricos, dados, sistematização e, principalmente, metódica.

Um dos expoentes desta nova ciência foi Francis Bacon; podemos observar, em um trecho de sua obra *Novum Organum*, o espírito que se desenvolvia em seu pensamento:

Mas aqueles dentre os mortais, mais animados e interessados, não no uso presente das descobertas já feitas, mas em ir mais além; que estejam preocupados, não com a vitória sobre os adversários por meio de argumentos, mas na vitória sobre a natureza, pela ação; não em emitir opiniões elegantes e prováveis, mas em conhecer a verdade de forma clara e manifesta; esses, como verdadeiros filhos da ciência, que se juntem a nós, para, deixando para trás os vestibulos das ciências, por tantos palmilhados sem resultado, penetrarmos em seus recônditos domínios (BACON, *s. d.*, p. 5).

A partir deste pensamento, já é possível delimitar uma visão de ciência e de homem que marcaria o pensamento de Bacon, traduzido na máxima “Pois o próprio conhecimento é poder” (BACON, *Essays* apud RÖD, 2008, p. 638), onde a racionalidade não apenas coloca o homem no centro de toda a criação como criatura superior, como também se torna o instrumento pelo qual este dominaria a natureza na medida em que a conhecia e explorava. Assim, não mais estaria sob o efeito das suas instabilidades, mas como aquele que antecipa seus fenômenos e os manipula para seu favor. Sobre isso, Röd (2008) destaca:

A fórmula mais comum do pensamento de Bacon exprime-se no dito: “Saber é poder”: o sentido de todos os esforços na busca do conhecimento reside em que o saber proporciona poder sobre a natureza, de modo que as forças desta podem ser utilizadas para a melhoria das condições da vida humana (RÖD, 2008, p. 640).

Comprendemos aqui um dos fundamentos centrais do *ethos* que começaria a se desenvolver na idade moderna, já colocando o ser humano no centro e pensando a racionalidade

como forma de domínio deste sobre o meio. Aqui, deixamos de nos constituir em seres integrados ao todo e passamos a um ser no topo, ou, como melhor traduz o pensamento moderno: no centro.

Tais ideais não ficaram restritos ao ramo do conhecimento e da ciência, convergindo também para a política e a economia, onde uma nova ideologia passa a se desenvolver baseada nos princípios da subjetividade e liberdade, como já apontado anteriormente. Conhecida por liberalismo, viria a ser a base para o modelo econômico que substituiria o feudalismo medieval: o capitalismo.

7. O *ethos* liberal-capitalista e a exploração da natureza em busca do lucro

O *ethos* liberal, que culminaria na justificativa ideológica do sistema capitalista em substituição ao regime feudal, começa a ser desenvolvido a partir do estabelecimento dos estados-nações dentro do antigo regime, após o enfraquecimento do regime feudal, que tinha como base uma economia agrária e a noção de direito divino, em uma aliança entre Igreja e Estado, onde a primeira justificaria o poder dos nobres dentro do regime estabelecido.

Tal cenário começa a mudar quando o comércio passa a ganhar força, principalmente devido às navegações e rotas comerciais estabelecidas, gerando a consolidação econômica de uma nova classe social composta pelos comerciantes: a burguesia.

Portanto, vemos que a burguesia moderna é produto de um longo processo de desenvolvimento, uma série de profundas transformações no modo de produção e nos meios de comunicação.

Cada uma das etapas do desenvolvimento da burguesia acompanhou-se de um progresso político correspondente. Ela foi inicialmente um grupo oprimido sob o jugo dos senhores feudais, organizando a própria defesa e sua administração na comuna, aqui república urbana independente, ali terceiro estado tributado pelo rei. Posteriormente, a época da manufatura tornou-se um contrapeso à nobreza na monarquia descentralizada ou absoluta, fundamento essencial das grandes monarquias. Com a criação da grande indústria e do mercado mundial, a burguesia conquistou finalmente a dominação política exclusiva no moderno Estado parlamentar (MARX; ENGELS, 2014, p. 26-27).

No trecho citado acima percebemos que, pouco a pouco, a classe burguesa foi adquirindo poder econômico com o crescimento do comércio e da expansão do mundo conhecido, enquanto a nobreza feudal perdia espaço. Contudo, para consolidar esse poder, era preciso estabelecer os ideais de liberdade e propriedade privada, garantindo, assim, a acumulação de riqueza e a posse dos meios de produção de mercadorias. Com isso, o sistema substituído ao feudal é o capitalismo, em que a propriedade privada se configura como um dos direitos fundamentais. Sobre ela, Harvey (2016) aponta:

O direito à propriedade privada pressupõe um elo social entre o que é possuído e uma pessoa, definida como sujeito jurídico, que é dona e tem o direito de dispor daquilo que é dona [...]. A existência desse elo social é reconhecida em quase todas as constituições burguesas e conecta os ideais da propriedade privada individual com as noções de direitos humanos individuais, os “direitos do homem” e as doutrinas e proteções legais desses direitos individuais (HARVEY, 2016, p. 48).

Estabelecidas as bases do liberalismo, a partir da ideia de indivíduo de direitos, dotado de liberdade econômica, social e de manifestação, o capitalismo pode se estabelecer como sistema econômico vigente e a burguesia como classe social dominante. Quando falamos em capitalismo, pensamos em um sistema que tem como fundamento a acumulação de capital por meio da mercadoria e da exploração do trabalho. Sobre o capital e a mercadoria, Marx (2017) nos diz:

A circulação de mercadorias é o ponto de partida do capital. Produção de mercadorias e circulação desenvolvida de mercadorias — o comércio — formam os pressupostos históricos a partir dos quais o capital emerge. O comércio e o mercado mundiais inauguram, no século XVI, a história moderna do capital (MARX, 2017, p. 223).

Compreendendo o modelo econômico capitalista, é possível levantar uma reflexão sobre os seus impactos frente à natureza e ao meio ambiente. Sobre isso, Harvey (2016) aponta um aspecto importante:

Sob a pressão do crescimento exponencial contínuo, é muito provável que a degradação cancerosa se acelere. [...] A valorização da natureza ou, como preferem definir os economistas ecológicos, o valor monetário do fluxo de serviços que a natureza fornece ao capital é arbitrário. Às vezes ela leva a exploração indiscriminada dos valores de uso disponíveis até causar um colapso ambiental. Com frequência o capital esgota e até destrói permanentemente os recursos latentes na natureza em determinados lugares (HARVEY, 2016, p. 236, 238).

Com base no que foi exposto, é possível formular aqui um movimento dialético de construção do *ethos* moderno do ser humano e sua relação com o meio ambiente, baseados nas ideias de ciência e racionalidade como instrumentos de exploração e domínio da natureza. De igual maneira, a partir das noções de liberdade, em uma economia capitalista que visa a acumulação de lucro com a exploração e transformação do meio, gerando, com base nessa construção dialética, a ótica de que a natureza existe para servir o ser humano. Com isso, constroem-se os pilares para uma visão de mundo baseada na ideia de superioridade humana frente às demais vidas existentes em nosso planeta.

É possível, com base nisso, perceber um *ethos* de domínio e não de pertencimento. Sobre isso, o Papa Francisco aponta, em sua encíclica *Laudato si'*: *sobre o cuidado com a casa*

comum, a necessidade de uma reconexão do homem com a natureza, de modo a abandonar a forma com a qual vem se relacionando com ela:

Se nos aproximarmos da natureza e do meio ambiente sem esta abertura para a admiração e o encanto, se deixarmos de falar a língua da fraternidade e da beleza na nossa relação com o mundo, então as nossas atitudes serão as do dominador, do consumidor ou de um mero explorador dos recursos naturais, incapaz de pôr um limite aos seus interesses imediatos. Pelo contrário, se nos sentirmos intimamente unidos a tudo o que existe, então brotarão de modo espontâneo a sobriedade e a solicitude (FRANCISCO, 2015, p. 11).

A carta de Francisco torna-se um convite para uma reflexão que possibilite a superação do *ethos* estabelecido na sociedade do consumo, rumo a uma construção social que permita o estabelecimento de uma relação de harmonia entre “criação e criatura”.

Com base nas reflexões aqui apontadas, buscou-se na metafísica plotiniana, principalmente em sua teoria do Uno, aspectos que pudessem contribuir significativamente a uma necessária reflexão para a construção de um novo *ethos* ecológico. Os resultados obtidos serão tratados no tópico seguinte.

8 A metafísica do uno em plotino e a possibilidade da construção de um novo *ethos* ecológico

Construído até aqui o cenário que demonstra a emergência ecológica que a humanidade enfrenta no século XXI, bem como apontadas as contribuições do *ethos* herdado durante a modernidade para acentuar tal emergência, se torna necessário ao nosso argumento prosseguir com a tentativa de evocar caminhos para a construção de um *ethos* diferente do que foi apontado até agora.

Compreendendo tal fator, buscou-se um caminho na filosofia do neoplatônico Plotino, importante filósofo de transição do período antigo para o medieval, cuja filosofia, além de formular uma síntese do platonismo, contribuiu significativamente para o desenvolvimento da filosofia cristã medieval, bem como para a teoria dos primeiros filósofos do Renascimento.

Indagando na construção filosófica de Plotino possíveis respostas para a construção desse necessário novo modo de ver e compreender o mundo, chegamos inevitavelmente ao seu conceito de Uno. Discorreremos mais sobre ele no momento adequado, contudo, antes disso, faz-se necessário compreender o objetivo geral de sua filosofia e metafísica. Sobre ela, Reale (2014) destaca:

[...] a doutrina plotiniana é uma séria tentativa de resolver o antigo problema do Uno-
Todo, ou seja, de pôr o Princípio supremo em relação com o Universo (REALE, 2014,
p. 25).

Reale nos aponta para uma importante observação a respeito da tentativa por trás da filosofia plotiniana, herdeira do platonismo, que buscava, por meio de uma “mística helenicamente dialetizada”, conforme Reale (2014, p. 18), “reunir o divino que está em ti ao divino que está no Universo”, ou seja, visa a união do homem ao princípio único no qual ele tem origem, princípio este que Plotino chamou de Uno. Reale novamente ilustra perfeitamente o papel da unidade frente ao ser. Segundo o nosso filósofo neoplatônico:

Todo o ser, em última instância é tal somente em virtude da unidade. Se, com efeito, se quebra a unidade, a própria coisa deixa de subsistir. Portanto, a substância de cada coisa depende da unidade: negada essa, é o princípio do próprio ser da coisa que se nega (REALE, 2014, p. 41).

É possível perceber, com o exposto até aqui, que existe um fator fundamental que faz Plotino construir a sua metafísica. Partindo das formas platônicas, ele tentará demonstrar que tudo provém de um mesmo princípio, princípio este que é inteligível, dada a herança de seu mestre (Platão). Complementa que cada ser existente provém da unidade e para ela deseja retornar. Vejamos um trecho de Plotino que ilustra essa ideia de princípio único e como o percebemos olhando para nós mesmos:

Quando percebemos nos corpos uma Forma ideal (eidos) que molda e domina a matéria informe — contrária à forma ideal — como uma Forma ideal que se destaca e subordina as outras formas, apreendemos num único olhar a unidade que emerge da multiplicidade, a remetemos à unidade interior e indivisível, e entre ambas há concórdia e comunhão (PLOTINO, 2002, p. 23).

Plotino não apenas afirma em sua metafísica que provimos do Uno, como também aponta para a possibilidade de percebermos essa unidade presente nos seres múltiplos. Ao mesmo tempo, convida-nos a percebermos a unidade em nós mesmos voltando o olhar para o interior, conforme aponta em: “aqueles que conhecem a si mesmos sabem de onde vêm” (PLOTINO, 2002, p. 128).

Para compreender melhor esse processo, é preciso antes olhar para a forma como o Uno produz o múltiplo a partir de si e, mesmo assim, ainda permanece Uno, eterno e imutável. Segundo o neoplatônico, o Uno, na medida em que é eterno, imutável e completo em si mesmo, necessita, como parte daquilo que é, gerar outros.

Antes de todas as coisas, tem de existir o Simples, diferente de tudo que dele advém, autoexistente, e, no entanto, capaz de estar presente nessas outras ordens. Ele tem de ser uma autêntica unidade. [...] Assim, quando algo chega à perfeição, vemos que começa a gerar, pois não é capaz de permanecer fechado em si mesmo e engendra algo mais (PLOTINO, 2002, p. 53, 54).

Plotino, dessa forma, se dirige à própria natureza do Uno como necessariamente geradora; na medida em que se basta enquanto ser perfeito e eterno, ao mesmo tempo precisa criar, observando muito bem o motivo disso ocorrer:

Isso ocorre porque as coisas não podiam permanecer todas estáticas no Mundo Inteligível, uma vez que havia a possibilidade de existência de uma contínua variedade de seres, que, embora inferiores tinham a mesma necessidade de existir que seus superiores (PLOTINO, 2002, p. 83).

Mas o que surge depois do Uno? E, principalmente, por que surge algo após o Uno que, por sua vez, dará início ao múltiplo? Segundo Plotino, logo após o Uno temos a segunda hipóstase: a Inteligência. Sobre ela, Reale (2014, p. 77) destaca: “O Uno, diz Plotino, se quer pensar, deve fazer-se espírito, uma vez que o Uno como tal, pelas razões acima expostas, não pode pensar”. Ainda segundo Reale (2014, p. 77), “pensamento é sempre pensamento do ser”, o que impossibilita o Uno, em sua unidade, de pensar, sendo que o “ser é uma multiplicidade de ideias”. Dessa forma, faz-se necessária a geração da hipóstase correspondente ao Espírito e Inteligência, que será chamada por Plotino de *Nous*.

O *Nous*, sendo gerado pelo Uno, ainda está no Mundo Inteligível; logo, não se trata do nosso mundo sensível tal como o conhecemos. Sendo assim, há outra hipóstase para além do *Nous*, que seria a responsável por gerar o mundo sensível; tal hipóstase é a Alma, que surge da necessidade de existência dos seres inferiores a ela. Conforme Reale (2014, p. 113), “a própria Alma cria, vivifica e governa todo o mundo físico e é princípio de toda a forma de vida”.

Sobre a natureza da Alma, e como ela pode dar vida à matéria e gerar o mundo sensível, sendo ela mesma indivisível e eterna na medida em que está no Mundo Inteligível, Reale observa:

A Alma é divisa e indivisa, uma e múltipla, enquanto princípio que produz, rege e governa o mundo sensível; com sua unidade múltipla e divisa ela dá vida a todas as coisas, com sua unidade indivisível reúne e governa. A Alma é toda em todas as partes e em todas as partes idêntica. A Alma é, assim, uno e muitos, ou seja, unidade e pluralidade, enquanto o Princípio primeiro é exclusivamente Uno, o Espírito é uno-muitos, os corpos são exclusivamente muitos (REALE, 2014, p. 81).

Sendo assim, a Alma se configura como a última instância do Mundo Inteligível e a primeira do mundo sensível; ela está em tudo o que é corpóreo justamente por ter gerado o

sensível. Cabe, assim, o apontamento de Plotino (2002, p. 70): “admirando a Alma em outro, admiras a ti mesmo.”

Com o exposto até aqui, podemos observar alguns pontos referentes a um possível *ethos* a ser construído com base na metafísica plotiniana, cuja pedra fundamental está na ideia de unidade de tudo o que existe. Essa unidade que se torna potência criadora, na medida que necessita e quer pensar, gerando a inteligência ou espírito que, ao voltar-se para si mesmo, vai produzir algo diferente de si, a Alma. Essa, por sua vez, ao voltar-se para si mesma e querer a si mesma, gera o mundo sensível abaixo dela e, sem diminuir a si mesma, se faz presente no múltiplo e corpóreo, gerando e governando.

O Uno, a Inteligência e a Alma superior formam as três hipóstases do Mundo Inteligível. O princípio único é a primeira das três (o Uno), que gera, hierarquicamente, aquela que vem depois de si mesmo em função de uma necessidade de existir, necessidade essa que gera o nosso mundo sensível. Cada ser é dotado de Alma, Inteligência e Unidade; aspiramos o retorno ao Uno na medida em que contemplamos a unidade presente em nós e nos outros seres.

Tal visão rompe diretamente com o *ethos* moderno construído sobre a ideia de poder e controle, resignificando a forma de se colocar em um mundo onde, em resumo, tudo parte do mesmo princípio e está completamente preenchido pela Alma.

9 Considerações finais

No transcorrer do presente trabalho, tentou-se montar uma linha argumentativa que se configurasse na proposta de construção de um novo *ethos* na forma de o ser humano se relacionar com o meio ambiente. Para isso, algumas premissas foram levantadas e defendidas, até chegar ao momento de conclusão, onde a defesa do argumento principal foi feita.

Primeiramente, buscou-se relacionar os impactos ambientais causados pela humanidade a partir de sua relação com o meio ambiente como fruto, em parte, do *ethos* construído ao longo da história, entendendo por *ethos* a forma de se posicionar e agir frente ao mundo. Para endossar nosso argumento, direcionamos diretamente a construção do *ethos* atual para dois períodos e áreas de ação humana, caracterizados pela racionalidade e pelo método científico, desenvolvidos, principalmente, no Renascimento e Idade Moderna, aliados ao sistema econômico de exploração e acumulação capitalista. Observamos ambos como fruto de um processo de valorização do indivíduo e da subjetividade, que têm raízes diretas no cristianismo e no liberalismo.

Para ilustrar as consequências desse *ethos*, foram mostrados alguns dados coletados a respeito do real impacto ambiental causado pelo ser humano, e os riscos que eles representam para a própria manutenção da vida humana na Terra, gerando diretamente a conclusão de que se faz necessário construir uma nova forma de agir e se posicionar.

Seguimos da conclusão anterior que, dada a necessidade de uma nova proposta de *ethos* — deixando claro que se trata apenas de uma das várias questões que merecem ser observadas na intenção de promover tais mudanças —, buscou-se analisar a metafísica de Plotino e sua noção de Uno, princípio que dá existência à Inteligência que, por sua vez, gera a Alma, que se configura na criadora e geradora da vida e da nossa realidade sensível.

Apontando para a ideia central de Plotino de que tudo o que existe provém de um princípio de unidade e que a matéria e o mundo sensível propriamente ditos apresentam essa unidade na Alma que lhes possibilita a existência, conclui-se que é possível, com base em tal metafísica, apontar caminhos que levem a uma nova noção e compreensão de mundo. Considerando que seguir a unidade fundamental e o desejo de a ela retornar seja, teórica e praticamente possível, a participação nessa unidade a partir do respeito e integração do ser humano (uma das inúmeras criaturas que provêm do mesmo princípio gerador) com o meio ambiente que partilha permitirá superar a visão de domínio e exploração da natureza enquanto suposto ser superior.

Referências

BACON, Francis. *Novum organum* ou Verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza [1620]. Tradução e notas: José Aluysio Reis de Andrade. Digitalização: Membros do grupo de discussão Acrópolis. In: **Domínio Público**, Brasília, [s. d.]. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000047.pdf>. Acesso em: 30 set. 2020.

FERREIRA, Fábio L. **História da filosofia moderna**. Curitiba: Intersaberes, 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GHIRALDELLI, Paulo. **Curso de Política**: Aula 4. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=abd_LKWgVXg. Acesso em: 22 set. 2020.

GHIRALDELLI, Paulo. **Curso de Política**: Módulo 2, Aula 1. 2020b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xx7uDn7tdBI>. Acesso em: 22 set. 2020.

HARVEY, David. **17 contradições e o fim do capitalismo**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

LOWY, Michael. Treze teses sobre a catástrofe ecológica eminente. *In: A Terra é Redonda*, [s. l.], 11 fev. 2020. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/treze-teses-sobre-a-catastrofe-ecologica-iminente/>. Acesso em: 14 set. 2020.

MARX, Karl. **O capital**. Livro I: O processo de produção do capital. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Porto Alegre: L&PM, 2014.

MENDONÇA, Francisco de Assis; DIAS, Mariana Andreotti. **Meio ambiente e sustentabilidade**. Curitiba: Intersaberes, 2019.

O QUE É O DIA de sobrecarga da terra. *In: Museu do Amanhã*, Rio de Janeiro, [2016?]. Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/pt-br/sobrecarga-da-terra-entenda>. Acesso em: 14 set. 2020.

NAUROSKI, Everson Araújo. **Entre a fé e a razão**: Deus, o mundo e o homem na filosofia medieval. Curitiba: Intersaberes, 2017.

ONU / WORLD METEOROLOGICAL ORGANIZATION (WMO). **United in Science 2020**. A multi-organization high-level compilation of the latest climate science information. Disponível em: https://library.wmo.int/doc_num.php?explnum_id=10361/. Acesso em: 14 set. 2020.

POLUIÇÃO DO AR provoca 7 milhões de mortes prematuras todos os anos, alerta ONU. *In: ONU Brasil*, Brasília, 7 set. 2020. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/89801-poluicao-do-ar-provoca-7-milhoes-de-mortes-prematuras-todos-os-anos-alerta-onu>. Acesso em: 14 set. 2020.

PRIMEIRO DIA do ar limpo demanda ação global para combater a poluição do ar. *In: UN Environment Programme*, Nairóbi, 7 set. 2020. Disponível em: <https://www.unep.org/pt-br/noticias-e-reportagens/comunicado-de-imprensa/primeiro-dia-do-ar-limpo-demanda-acao-global-para>. Acesso em: 14 set. 2020.

FRANCISCO. **Carta encíclica *Laudato Si'***: Sobre o cuidado da casa comum. 1. ed. São Paulo: Paulus; Loyola, 2015.

PINI, Mariana. Breves considerações sobre o conceito de *ethos* e de *persona* poética na Antiguidade Clássica. **ContraCorrente**, Manaus, v. 6, 2015. Disponível em: <http://periodicos.uea.edu.br/index.php/contracorrente/article/view/546>. Acesso em: 27 out. 2020.

PLOTINO. **Tratado das Enéadas**. 2. ed. São Paulo: Polar Editorial, 2002.

REALE, Giovanni. **História da filosofia grega e romana**. VII: Plotino e o neoplatonismo. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

RÖD, Wolfgang. **O caminho da filosofia**: dos primórdios ao século XX. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008. v. 2.

TEMPERATURA MÉDIA global para 2016-2020 deve ser a mais alta já registrada. In: ONU Brasil, Brasília, 10 set. 2020. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/90317-temperatura-media-global-para-2016-2020-deve-ser-mais-alta-ja-registrada>. Acesso em: 14 set. 2020.